

Produção e recepção de um livro de viagem:  
***Reise in Brasilien in den Jahren, 1817-1820,***  
**de Johann Baptist von Spix**  
**e Carl Friedrich Phillip von Martius**

Tradução



**Thomas Fischer**

Doutor em História pela Universidade de Berna/Suíça. Professor de História da América Latina da Katholische Universität Eichstätt-Ingolstadt (KU)/Alemanha. Autor, entre outros livros, de *Die Souveränität der Schwachen: Lateinamerika und der Völkerbund*, 1920 1936. Stuttgart: Steiner Verlag, 2012. th.fischer@ku.de

**Nelson Chacón**

Doutor em História pela Freie Universität Berlin/Alemanha. Assistente de investigação de História da América Latina da Katholische Universität Eichstätt-Ingolstadt (KU)/Alemanha. nelson.chaconlesmes@ku.de

Johann Baptist von Spix e  
Carl Friedrich Philipp von  
Martius, s./d., fotografias,  
montagem (detalhes).

## Produção e recepção de um livro de viagem: *Reise in Brasilien in den Jahren, 1817-1820*, de Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich Phillip von Martius

The making and reception of a travel journal: *Reise in Brasilien in den Jahren, 1817-1820*, by Johann Baptist von Spix and Carl Friedrich Phillip von Martius

*Thomas Fischer*

*Nelson Chacón*

*Tradução: Marcio de Oliveira\**

*Revisão técnica da tradução: Sebastião Rios\*\**

### RESUMO

Este artigo visa analisar a produção e recepção do *Reise in Brasilien*, um relatório escrito por Johann von Spix e Carl Friedrich von Martius após sua viagem ao Brasil entre 1817 e 1820. Será demonstrado que a construção de um relatório dessas características obedece a uma série de variáveis que permitem aos viajantes escrever um produto científico e, ao mesmo tempo, cumprir os requisitos estatais que fundaram a viagem de exploração. O artigo mostra que o *Reise in Brasilien* é um "produto final", um texto que se baseia nas experiências de viagem, mas que é modificado e otimizado depois do regresso dos viajantes. Tais atividades constroem uma imagem ideal da ciência ligada às normas e critérios da época. Nesse processo, a existência de um público leitor, a divulgação dos primeiros relatórios e cartas enviadas para e do Brasil, a socialização da investigação no círculo da Academia Bávara das Ciências e o tempo necessário para escrever são decisivamente envolvidos.

**PALAVRAS-CHAVE:** relatos de viagens; produção e apropriação de livros científicos; naturalistas.

### ABSTRACT

The aim of this article is to analyze the production and reception of the *Reise in Brasilien*, a report written by Johann von Spix and Carl Friedrich von Martius after their trip to Brazil between 1817 and 1820. It will be shown that the construction of such a report obeys a series of variables that enable the travelers to write a scientific product and, at the same time, to comply with the state requirements that underpinned the voyage of exploration. The article shows that the *Reise in Brasilien* is a "final product", a text based on travel experiences, but modified and optimized after the travelers return from the trip. These activities construct an ideal image of science linked to the standards and criteria of their time. The existence of a public readership, the dissemination of the first reports and letters sent to and from Brazil, the public circulation of the research in the society of the Bavarian Academy of Sciences, and the time needed for writing are decisively involved in this process.

**KEYWORDS:** travel accounts; production and appropriation of scientific books; naturalists.

\* Doutorando em História na Universidade Federal de Goiás (UFG).

\*\* Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Brasília (UnB). Professor do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Performances Culturais da Universidade Federal de Goiás (UFG). sebastiaorios@ufg.br



No fim do século XVIII e durante os primeiros anos do século XIX, as colônias americanas despertaram interesses de diversas naturezas em alguns impérios europeus. As viagens de exploração foram uma resposta a esses interesses. Esses empreendimentos tornaram possíveis novas interpretações da natureza e das sociedades de regiões longínquas e diferentes, à luz do conhecimento iluminista europeu, em geral mediante práticas de classificação, descrição e representação de plantas, animais e seres humanos. Tais projetos procuravam tirar proveito dos recursos naturais encontrados nos lugares explorados tendo em vista o lucro comercial.<sup>1</sup> De forma semelhante, os governos europeus que possuíam colônias na América se aproveitaram das mesmas viagens para aperfeiçoar e redesenhar o controle político de seus territórios.<sup>2</sup>

Esse tipo de interesse também existiu na Confederação Germânica (*Deutscher Bund*, 1815-1866), mais especificamente no Reino da Baviera. Com o estabelecimento da nova ordem geopolítica ditada pelo Congresso de Viena, o Imperador Maximiliano I desejou levar a cabo uma exploração na América do Sul, que teve que ser adiada por razões estratégicas. Nesse contexto, o matrimônio da arquiduquesa do reino da Áustria, Marie Leopoldine von Habsburg-Lothringen com o herdeiro do trono português, príncipe Dom Pedro – futuro D. Pedro I, imperador do Brasil – foi um evento determinante, uma vez que incrementou diretamente a relação geopolítica entre os reinos da Áustria e do Brasil. Como se sabe, a instalação do trono português no Brasil a partir de 1808 – como consequência da complicada situação lusitana no contexto napoleônico – e a elevação da colônia à condição de Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve em 1815, resultaram em uma abertura das fronteiras sem precedentes históricos.<sup>3</sup> Os exemplos exitosos de Humboldt na América Espanhola – que, no entanto, nunca esteve no Brasil –, Wilhelm Ludwig von Eschwege e seus trabalhos relacionados à mineração e à geologia a partir de 1810 no Brasil e Maximilian zu Wied-Neuwied, que explorou o território entre 1815 e 1817, impulsionaram ainda mais a febre exploratória direcionada ao Brasil.<sup>4</sup>

Nesse contexto foi pensada e desenvolvida a expedição austríaca de 1817 ao Brasil, financiada pelo governo e dirigida cientificamente pela Academia Austríaca de Ciências, da qual participaram os cientistas Johan Baptist von Spix e Carl Friedrich Philipp von Martius, bávaros comissionados pelo

<sup>1</sup> Ver GÄNGER, Stefanie. World trade in medicinal plants from Spanish America, 1717–1815. *Medical History*, v. 59, n. 1, Cambridge, 2015, p. 51; BLEICHMAR, Daniela. Painting as exploration: visualizing nature in eighteenth-century colonial science. *Colonial Latin American Review*, v. 15, n. 1, London, jun. 2006; e SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. Naturalists in nineteenth century Brazil. *Archiv Weltmuseum Wien*, n. 63 e 64, Münster, 2014.

<sup>2</sup> Ver SAFIER, Neil. *La medición del Nuevo Mundo: la ciencia de la ilustración y América del Sur*. Madrid: Fundación Jorge Juan y Marcial Pons Historia, 2016.

<sup>3</sup> Ver GERSTENBERGER, Deborah. *Gouvernementalität im zeichen der globalen krise: der transfer des Portugiesischen Königshofes nach Brasilien*. Köln: Böhlau, 2013; e SCHULTZ, Kirsten. *Tropical versailles: Empire, Monarchy, and the Portuguese Royal Court in Rio de Janeiro, 1808-1821*. New York-London: Routledge, 2001.

<sup>4</sup> Ver RUPKE, Nicolaas. *Alexander von Humboldt: a metabiography*. Chicago: University of Chicago Press, 2008; e ZU WIED-NEUWIED, Maximilian Prinz. *Reise nach Brasilien in den jahren 1815-1817*. Berlin: Die Andere Bibliothek, 2012 [1820].

imperador Maximiliano I como os únicos representantes da Academia Bávara de Ciências.<sup>5</sup> A importância da viagem pode ser apreendida através do famoso relato intitulado *Reise in Brasilien*, constituído de vários volumes, que descreve o objeto da expedição e seus interesses investigativos, assim como do impressionante conjunto de coleções de objetos e espécimes, mapas, imagens, desenhos, cartas endereçadas a outros cientistas e outros documentos que ainda repousam em museus e bibliotecas alemãs, belgas e brasileiras.<sup>6</sup> Os resultados da expedição ajudaram a consolidar a organização das espécies encontradas no Brasil no sistema de classificação universal taxonômica da botânica<sup>7</sup>, a narrativa da história da ciência brasileira tendo Spix e Martius como protagonistas, e a história das atividades de uma rede transnacional que teve um papel de grande relevância na construção do conhecimento derivado da viagem.

A apresentação dos resultados obtidos, principalmente de caráter científico, assim como a narração das aventuras dos expedicionários desde a saída da Europa até o regresso em 1820 constituiu, em geral, o conteúdo do relato oficial elaborado na Baviera. Mais de mil páginas distribuídas em três livros e um atlas com imagens foram o produto de um trabalho coletivo impressionante. O primeiro volume do relato de viagem (*Reisebericht*) apareceu em 1823, publicado pelo impressor Michael Lindauer em München, três anos após o retorno dos viajantes. A morte de Johann Baptist von Spix em 1826 não impediu a missão da publicação dos resultados da viagem, porém teve como consequência o seguinte: os trabalhos de Martius como “autor” de grande parte do segundo volume – publicado em 1828 pelo editor I.J. Lentner, de Munique –, e da totalidade do terceiro livro, publicado “in Comm. bei Friedr. Fleischer” que veio à luz em 1831, e a busca de ajuda de especialistas em zoologia para completar o trabalho inacabado de Spix. O trabalho coletivo que possibilitou o êxito deste último objetivo, somado à complexa elaboração do Atlas – cheio de imagens, cartas geográficas e desenhos – teve que ser realizado com ajuda de outras pessoas capacitadas para tanto. Através de sua leitura, o leitor mergulhava em uma história escrita pelos protagonistas de tal forma que hoje somos capazes de conhecer a maneira pela qual os ilustrados germânicos se expressavam a respeito de um cenário culturalmente distinto do seu, mas que consideravam passível de ser explicado através de seus próprios mecanismos de interpretação.

<sup>5</sup> Impulsionada pelo Príncipe Ministro Klemens von Metternich e organizada cientificamente por Karl Franz Anton von Schreibers, diretor do Gabinete de História Natural de Áustria, entre os principais viajantes da expedição se encontravam: Johann Natterer, zoólogo; Heinrich Wilhelm Schott, botânico; Dominik Sochor, caçador; Prof. Dr. Johann Christian Mikan, botânico e zoólogo; Dr. Johann Baptist Emanuel Pohl, médico e mineralogista; Thomas Ender, paisagista; Guisepppe Raddi, zoólogo italiano, comissionado e auspiciado pelo Duque da Toscana e os pintores G. K Frick y Franz Frübbeck. Cf. SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Reise in Brasilien: 1817-1820* (1966 [1823-31]). Stuttgart: F.A. BROCKHAUS Komm-Gesch. GmbH, 3 vs. e Atlas, v. 1, p. 7 e 8.

<sup>6</sup> Ver COSTA DE FÁTIMA, Maria e DIENER, Pablo. *Martius*. Rio de Janeiro: Capivara, 2019; LISBOA, Karen Macknow. *A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo: Hucitec, 1997, e BÜCHLER, Anne; SCHUMACHER, Rolf (orgs.). *Die Nachlässe von Martius, Liebig und den Brüdern Schlagintweit in der Bayerischen Staatsbibliothek*. Wiesbaden: Harrassowitz, 1990.

<sup>7</sup> Ver GRAU, Jürke. Carl Friedrich Philipp von Martius. Rundgespr. Komm. Ökologie 10 “Tropenforschung”, 1995, e SILVEIRA, Luis. Der unschätzbare Beitrag von Johann Baptist von Spix zum Wissen über die brasilianische Vogelwelt. *Anuário Martius-Staden*, n. 62, São Paulo, Instituto Martius-Staden, 2018.

Nesse contexto, como ocorria em geral no âmbito das expedições científicas financiadas por governos, um relato de viagem publicado quase sempre tinha como finalidade atender a um pedido expresso do “príncipe” a quem o texto era dedicado. O texto, portanto, era uma espécie de prestação de contas dos objetivos alcançados em relação à missão definida de acordo com os interesses da autoridade política. O relato também foi escrito tendo em vista a Academia de Ciências da Baviera, que tinha passado por profundas transformações durante o período do domínio napoleônico, transformações essas que haviam conectado de forma significativa as ciências germânicas ao contexto europeu mais abrangente.<sup>8</sup> A publicação e circulação de grande número de cópias do livro, no entanto, indica que este se dirigia a um público mais amplo. De fato, já existia no século XIX um mercado para esse tipo de obra dentro e fora das terras germânicas. Publicações em francês, alemão, sueco e inglês deram origem ao que a literatura chamou de “segundo descobrimento da América Latina”. A “ciência” nessa época era produzida em etapas, através de uma série de trabalhos e práticas decididamente conectadas e entrecruzadas. Diversos atores de diferentes regiões participaram dessa dinâmica, através do intercâmbio de ideias entre instituições. Para alcançar uma aproximação “real” da natureza, era necessário obter experiência de “primeira mão”<sup>9</sup>, que se concretizava por meio dos trabalhos de campo, em que as atividades de observação, medição e classificação de plantas, animais e minerais eram realizadas em locais distintos do espaço europeu. A viagem ao Brasil de 1817 a 1820 obedeceu a essa tradição. E o relato da viagem – é essa a nossa hipótese – seguiu também uma lógica metodológica já estabelecida no interior da comunidade epistemológica.

O objetivo deste artigo é apresentar os aspectos históricos e as práticas concretas que contribuíram para a elaboração do *Reise in Brasilien* de Spix e Martius, bem como a importância desse texto na história da ciência, aspecto ainda pouco estudado. No tópico que segue abordaremos os fatores que tiveram repercussão na viagem antes mesmo que essa se iniciasse, descrevendo a *Naturgeschichte* (História Natural) como referência epistemológica dos naturalistas da época, o contexto histórico da Baviera, da Europa e do Brasil como determinante político, e a formação profissional de Spix e Martius como crucial para a escolha dos dois para a viagem ao Brasil. Um segundo tópico discute a elaboração do *Reisebericht* (Relato de viagem), que antes de mais nada representa os trabalhos, as experiências e observações realizadas durante a expedição. Ainda assim, como veremos, um grande número de reflexões, trechos de diários, cartas e desenhos podem ser compreendidos como etapas preliminares que terminam por confluir na grande síntese que foi o *Reisebericht*. O ensaio se encerra com algumas reflexões a respeito da difusão e recepção do *Reisebericht*.

---

<sup>8</sup> Ver PHILLIPS, Denise. Academies and societies. In: LIGHTMAN, Bernard (org.). *A companion to the History of Science*. Sussex: Wiley Blackwell, 2016.

<sup>9</sup> POMATA, Gianna. Observation rising: birth of an epistemic genre, ca. 1500-1650. In: DASTON, Lorraine e LUNBECK, Elizabeth (orgs.). *Histories of scientific observation*. Chicago: University of Chicago Press, 2011, p. 45.

## Preparativos para a viagem

A viagem de campo era um componente imprescindível do trabalho dos naturalistas, e o relato de viagem era um reflexo do mesmo. A produção de conhecimento sobre a natureza no contexto dos primeiros trinta anos do século XIX pode ser compreendida de forma geral a partir do conceito de História Natural (*Naturgeschichte*): um conjunto de saberes que dão conta do mundo natural em seus aspectos gerais, com especificações particulares, cujo desenvolvimento foi se tornando progressivamente disciplinar ao longo do século.<sup>10</sup> Os indivíduos que se dedicavam à investigação da natureza eram chamados de naturalistas, em referência ao seu objeto geral de estudo.<sup>11</sup> Johann Baptist von Spix, por exemplo, era um naturalista especializado em animais – um zoólogo – enquanto Carl Friedrich Philipp von Martius se dedicava principalmente à botânica, embora a formação de ambos tenha sido mais ampla, incluindo estudos de filosofia e medicina.

Quando se decidiu buscar pessoal para uma possível viagem à América do Sul, a Academia da Baviera tinha em sua agenda diversos candidatos; nesse contexto, as “especialidades” de Spix e Martius, correspondendo a uma “divisão do trabalho”, foram decisivas para a sua participação na viagem. E, no momento em que a Academia austríaca aceitou em suas fileiras membros de outras nacionalidades, os dois bávaros eram claramente reconhecidos no círculo intelectual das ciências locais como “especialistas”, tanto em zoologia, como em botânica.<sup>12</sup> No interior da Academia Bávara havia regulamentos e condições para a execução do plano de viagem. Em outubro de 1815 foi redigida a “Mémoire concis sur une Expedition scientifique dans l’Amérique Meridionale”<sup>13</sup>, que tinha como objetivo produzir uma coleção para o museu da Academia Real da Baviera e incrementar o conhecimento sobre as regiões visitadas que, dadas as circunstâncias, deviam incluir o Brasil. A expedição objetivava explorar a natureza das regiões visitadas – que se esperava que envolvessem vários países da América do Sul – através das práticas habituais dos naturalistas.

As competências e habilidades de Johann Baptist von Spix e de Carl Friedrich Philipp von Martius correspondiam, portanto, com o plano original. Spix tinha sido comissionado em 1809 para reorganizar a coleção de espécimes do museu real (como *Konservator*) de acordo com os novos critérios da ciência zoológica.<sup>14</sup> Era um “modernizador” da coleção, uma vez que de sua intervenção se esperava uma nova classificação do material existente e a en-

<sup>10</sup> Ver CURRY, Helen Anne; JARDINE, Nicholas; SECORD, James; SPARY, Emma (orgs.). *Worlds of natural history*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

<sup>11</sup> Ver DASTON, Lorraine. Type specimens and scientific memory. *Critical Inquiry*, v. 31, n. 1, Chicago, 2004.

<sup>12</sup> Ver WESCHE, Markus. *Zwei bayern in Brasilien: Johann Baptist von Spix und Carl Friedrich von Martius auf forschungsreise 1817 bis 1820*. München: Allitera, 2020.

<sup>13</sup>A memória se encontra no arquivo da Academia de Ciências da Baviera, VII 62b. O autor do texto da proposta é desconhecido, embora do ponto de vista da organização arquivística ela corresponda ao nome de Wilhelm Friedrich von Karwinsky von Karwin, naturalista alemão-austríaco que viria a participar como mineralogista no projeto. Karwinsky de fato não participou da viagem junto a Spix e Martius, por diversas razões, porém em 1821 viajou ao Brasil, onde permaneceu por dois anos pesquisando. É reconhecido por sua trajetória como naturalista no México, por onde viajou em mais de uma ocasião.

<sup>14</sup> Ver HEINZELLER, Thomas. Zum 225. Geburtstag des begründers der ZSM: Spix und der aufbruch der Zoologie in die moderne. *Spixiana*, v. 3, n. 29, Munich, 2006, p. 194.

comenda de espécimes para tornar mais completa a coleção que já andava um tanto quanto defasada em relação às existentes em Londres e Paris. Além disso, Spix obtivera experiência de pesquisa “de campo” na Itália, onde investigara a natureza de Nápoles e ainda tinha feito um estágio no centro do mundo científico, Paris, no museu onde trabalhava Georges Cuvier, a autoridade em matéria animal.<sup>15</sup> Suas credenciais como naturalista, portanto, já estavam mais que provadas quando foi planejada a expedição.

Martius, por sua vez, era um jovem notável que tinha direcionado seus interesses de pesquisa no sentido até a botânica, em parte por influência de seu pai, um renomado farmacêutico oficial (*Hofapotheker*) de Erlangen que transitava nos círculos intelectuais da ciência botânica na Baviera. Carl Friedrich Philipp – nascido em 1794, treze anos mais jovem que Spix – teve a oportunidade de explorar o campo da História Natural no jardim botânico de Munique, fundado em 1812, onde trabalhou como assistente de Franz de Paula von Schrank, personagem proeminente do mundo da botânica na Baviera. Foi lá também que ele e Spix se conheceram. Como a ciência da época, no quadro da História Natural exigia conhecimentos práticos, o manejo e a perícia do “saber fazer” no campo eram condições imprescindíveis à participação em uma viagem de exploração. Martius obtivera essa experiência em sua região, através da exploração da “Flora de Erlangen” entre 1814 e 1816.<sup>16</sup>

Descrevemos até aqui um exemplo do estado das ciências naturais no princípio do século XIX na Europa. O ingrediente global da equação é adicionado pela tradição, mais ou menos consolidada nessa época, de que era preciso explorar diversas regiões do globo com o objetivo de realizar uma investigação mais completa do mundo natural, hábito que se intensificou de forma notória desde o século XVIII. Outro elemento importante era a ideia e o hábito de montar coleções de espécimes, que demandava a cooperação com outros atores em regiões isoladas. O tipo de trabalho a ser realizado dependia de uma rede de atores que desempenhavam tarefas de diversas naturezas, tanto em laboratórios e centros de investigação na Europa, como em outros cenários semelhantes em diversos espaços.<sup>17</sup> Nessa missão foi necessário o conhecimento de atores em diferentes partes do mundo que desempenhavam tarefas de coleta, classificação e atuavam como guias, possibilitando um conhecimento preciso do território que se explorava.

No caso do projeto Bávaro na América do Sul, portanto, estava em jogo uma combinação de diversos elementos: “um “saber fazer” dos naturalistas, que permitia atuar de maneira correta nos trabalhos de campo.<sup>18</sup> Isto, por sua vez, dependia de uma iniciativa governamental e diplomática que considerava importante exercer este tipo de empreendimento exploratório, e na qual prevaleciam interesses de caráter econômico, relacionados à investigação sobre as propriedades dos produtos naturais que se esperavam encontrar. Os livros e os relatórios que foram produzidos como resultado destas iniciativas

<sup>15</sup> Ver SCHÖNITZER, Klaus. *Ein leben für die Zoologie: die reisen und forschungen des Johann Baptist Ritter von Spix*. München: Allitera Verlag, 2011.

<sup>16</sup> O produto dessa exploração da flora e da Fauna de Erlangen foi intitulado *Flora Cryptogamica Erlangensis*, tendo sido publicado em Nuremberg em 1817.

<sup>17</sup> Ver SAFIER, Neil, *op. cit.*

<sup>18</sup> Cf. BÖTTCHER, Julia Carina. *Beobachtung als Lebensart: Praktiken der Wissens Produktion bei Forschungsreisen im 18. Jahrhundert*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2020.



conjuntas refletiram em um só documento as práticas diversas realizadas pelos viajantes, com a particularidade de que, terem sido produzidos com a intenção de ser “produtos finais”, a história da construção dos conhecimentos ali transmitidos não é diretamente apreensível ao leitor. Assim mesmo, a produção desses textos possuía uma lógica epistemológica que dependia de diversos aspectos comuns à ciência da época. Exploraremos, portanto, alguns desses aspectos.

### A construção de uma história

Os conhecimentos que os expedicionários possuíam a respeito da natureza do Brasil não eram muito amplos. É provável que a sua referência mais conhecida fosse a experiência de viagem de Charles Marie de la Condamine pelo Amazonas (1743–1744), muito popular nos círculos de naturalistas na Europa. A história fantástica de La Condamine na América do Sul, muito comentada entre os ilustrados como uma viagem “modelo”, tinha sido construída na Europa com tons de exagero.<sup>19</sup> Martius recebera uma carta de seu pai a respeito três meses antes de embarcar de Trieste com destino ao Brasil, na qual o velho botânico fazia referência ao livro como fonte de informações sobre o lugar.<sup>20</sup> Isto, somado à escassez geral de informações sobre o lugar de destino, indica que os Bávaros enfrentavam um verdadeiro encontro com o desconhecido. Sobre o Brasil, com efeito, havia sido publicada postumamente a História Natural de Georg Markgraf, da Saxônia, em 1648. Esta fora escrita completamente em latim, mas nenhum dos viajantes fez qualquer menção a essa obra antes da viagem, de modo que não se pode considerá-la como uma referência.<sup>21</sup>

Essas observações são importantes, uma vez que em geral os viajantes europeus buscavam obter informações sobre lugares desconhecidos ou distantes nos textos que tinham sido escritos como resultado de experiências de viagens de exploração. Essas referências compunham um banco de dados (*Data*) formado por diversos textos de literatura e relatos de viagem, que por sua vez incluíam uma variedade de temas relacionados à geografia, à flora e à fauna dos lugares, além das características do clima e de suas sociedades. Os naturalistas acabavam por utilizar toda essa informação global, que se somava às

<sup>19</sup> No contexto da expedição hispano-francesa de 1735, que tinha como objetivo a medição do arco meridional no Equador, La Condamine e um grupo de naturalistas viajaram à América do Sul. O desentendimento do francês com alguns de seus colegas fez com que este se decidisse a algumas viagens sozinho e a realizar suas próprias medições. No total La Condamine permaneceu por nove anos na América do Sul. O produto final de sua viagem, intitulado *Relation abrégé d'un voyage fait dans l'intérieur de l'Amérique méridionale depuis la côte de la mer du Sud jusqu'aux côtes du Brésil et de la Guyane, en descendant la rivière des Amazones, lue à l'assemblée publique de l'Académie des sciences* foi publicado em Paris em 1745 e se converteu em um *best seller* que fazia o papel, simultaneamente, de obra científica e livro de aventuras.

<sup>20</sup> Cf. WESCHE, Markus, *op. cit.*, p. 67 e 95.

<sup>21</sup> De fato, somente em 1855 Martius publicou um estudo sobre Markgraf, no âmbito das aulas e conferências da Academia da Baviera. Tratava-se, em linhas gerais, de um trabalho que comparava suas próprias observações com o texto da História Natural de 1648. Martius necessitou da experiência de campo para poder realizar uma análise dessa obra. Cf. MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Versuch eines Commentars über die Pflanzen in den Werken von Marcgrav und Piso über Brasilien, nebst weiteren Erörterungen über die Flora dieses Reiches. I. Kryptogamen. – Abhandlungen der Bayerischen Akademie der Wissenschaften – Mathematisch-naturwissenschaftliche Klasse*, 1855.



experiências obtidas em primeira mão durante a viagem para dar forma aos textos finais.

Essa tradição existia na Europa desde a época da conquista ibérica da América, compondo um conjunto de textos especializados que eram mais do que simplesmente guias de viagem ou livros de literatura. Entre o século XVI e primeira metade do XIX foi produzida uma quantidade progressivamente maior de textos desse tipo em inglês, francês, espanhol, alemão e neerlandês, que circularam entre academias, livrarias e círculos de leitores e interessados na Europa e na América. Uma parte dos textos era composta de narrativas que descreviam as experiências e observações do dia a dia com base em um diário, mas com o tempo foram ganhando mais espaço as questões pontuais da ciência, como a exatidão e a precisão.<sup>22</sup> A forma de descrever os lugares e a estrutura textual desses livros foi se transformando com o passar do tempo. A leitura de um livro sobre a América escrito no século XVI não era igual à de um escrito no século XIX. Também os códigos textuais e as condições institucionais e científicas de produção desses textos, ao menos no caso da América Espanhola, se transformaram, de modo que a forma de se referir aos mesmos contextos passou por mudanças significativas.

Outra fonte de informação textual que servia de referência para os lugares que se pretendia visitar era proporcionada pelos contatos pessoais. Ao longo dos séculos XVIII e XIX muitos europeus e americanos obtiveram informações sobre lugares distantes através da correspondência epistolar, que funcionava como fonte de primeira mão. Com efeito, existia uma cultura da carta<sup>23</sup> no trabalho de intercâmbio de ideias e de circulação do conhecimento que foi muito importante no desenvolvimento da botânica.<sup>24</sup> Naturalistas europeus radicados na América foram capazes, desse modo, de contrastar suas investigações e comparar seus experimentos do mundo natural através da troca de informações e opiniões possibilitada pela correspondência epistolar.<sup>25</sup> As cartas serviam também para estabelecer contatos e, quando os viajantes chegassem aos territórios, gerar confiança, geralmente junto a funcionários oficiais ou compatriotas que viviam, por diversas razões, no lugar de destino.

Havia, portanto, no que diz respeito à obtenção de conhecimento prévio sobre o Brasil, textos que circulavam e cumpriam com os padrões de informação da época, e que era possível obter na Baviera às vésperas da viagem

<sup>22</sup> Ver BRIDGES, Roy. *Exploration and travel outside Europa, 1720-1914*. In: HULME, Peter; YOUNGS, Peter (orgs.). *The Cambridge companion to travel writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 56.

<sup>23</sup> Cf. ENGELHARDT, Dietrich von. *Der wissenschaftliche brief in naturwissenschaftlich-medizinischen Zeitschriften um 1800 im Kontext der briefkultur*. In: KRAUSSE, Erika (org.). *Der Brief als wissenschaftshistorische quelle*. Berlin: VWB, 2005.

<sup>24</sup> Ver DIETZ, Bettina. *Natural History as compilation: travel accounts in the epistemic process of an empirical discipline*. In: HOLENSTEIN, André; STEINIKKE, Hubert; STUBER, Martin (orgs.). *Scholars in action: the practice of knowledge and the figure of the savant in the 18th century*. Boston-Leiden: Brill, v. 1, 2013. A correspondência epistolar foi o veículo que ajudou a circular informações sobre a natureza a partir de locais distantes e conectar opiniões a respeito do observado no formato de uma rede de atores. As cartas incluíam relatos sobre a natureza – observações – e informações sobre a sociedade, bem como comentários sobre as vivências dos viajantes. Cf. FINDLEN, Paula, *How information travels: Jesuit networks, scientific knowledge and the early modern Republic of Letter, 1540-1640*. In: FINDLEN, Paula (org.). *Empires of Knowledge: Scientific Networks in the Early Modern World*. London & New York: Routledge, 2019.

<sup>25</sup> Ver SILVA, Renán. *Los ilustrados de la Nueva Granada*. Medellín: BanRep/EAFIT, 2002. O famoso intercâmbio de cartas entre José Celestino Mutis, que vivia em Nova Granada (atual Colômbia), Carl von Linné e outros naturalistas europeus. Essa troca de informações permitiu que uns e outros avançassem de forma significativa suas pesquisas.

em 1817. O livro do naturalista inglês John Mawe, *Travels in the interior of Brazil*, de 1812, era o mais recente que havia sido publicado na Europa a respeito da região de Minas Gerais. O texto de Mawe se concentrava no estudo dos minerais brasileiros e do vice-reino do Rio da Prata. Tinha sido escrito e planejado no âmbito de uma expedição oficial à América do Sul, de modo que a sua coerência interna era organizada com o objetivo de, ao mesmo tempo, informar sobre a expedição e apresentar o trabalho científico realizado. Em um trabalho publicado depois da viagem ao Brasil, Spix considerava esta obra como muito geral e, portanto, de pouco valor científico.<sup>26</sup> O contrário sucedia com o livro do comerciante Henry Koster, de 1816, intitulado *Travels in Brazil*, pensado e escrito a partir da localidade, por um estrangeiro que vivia já há alguns anos no lugar, e cujo objetivo não era discutir aspectos científicos, nem apresentar um relato oficial. Mas a esse livro tampouco os viajantes haviam tido acesso antes da viagem.

Assim, os recursos para obter informações sobre o que fazer quando se empreendia uma viagem eram efetivamente aqueles textos que ofereciam “experiências” a outros viajantes, e que cumpriam com o papel, portanto, de métodos de viagem.<sup>27</sup> Esse conjunto de textos criou uma tradição que ensinava a escrever e descrever o que se fazia durante as viagens de acordo com critérios aceitos por um público científico ou político, cristalizando sob um tipo de ordem estrutural as observações dos viajantes.<sup>28</sup> Esses critérios se otimizaram após a primeira onda de expedições científicas da segunda metade do século XVIII, quando o desenvolvimento da ciência global permitia obter cada vez mais informações sobre animais, plantas e grupos humanos que habitavam outras regiões do mundo.

A existência desse modelo textual significava, portanto, que nem sempre era necessário conhecer as regiões visitadas.<sup>29</sup> A padronização dessa prática textual, somada à padronização das práticas científicas que eram levadas a cabo nas universidades, academias e centros de ciência, proporcionava a experiência necessária para saber o “que fazer” frente a uma observação que valesse a pena registrar, e afixava a visão do observador em relação ao que este devia considerar como importante.<sup>30</sup> Dessa forma era produzido conhecimento sobre espaços e coisas em um mecanismo de retroalimentação que dava origem a livros científicos e livros modelo de viagem, através dos quais era representado o mundo natural.<sup>31</sup>

<sup>26</sup> Cf. SPIX, Johann Baptist von. *Brasilien in seiner Entwicklung seit der Entdeckung bis auf unsere Zeit*. München: Michael Lindauer, 1821, p. 35.

<sup>27</sup> Cf. BÖTTCHER, Julia Carina, *op. cit.*, p. 24.

<sup>28</sup> Ver DASTON, Lorraine e LUNBECK, Elizabeth (orgs.) *Histories of scientific observation*. Chicago: University of Chicago Press, 2011.

<sup>29</sup> Ver MARISS, Anne. *A world of new things: Praktiken der Naturgeschichte bei Johann Reinhold Forster*. Frankfurt-New York: Campus Verlag, 2015, e BÖTTCHER, Julia Carina, *op. cit.*

<sup>30</sup> Ver GRASSENI, Christina. *Skilled visions*. [s./l.]: Berghahan Books, 2009.

<sup>31</sup> Alguns dos textos mais famosos que circularam na Europa durante a segunda metade do século XVIII e os primeiros vinte anos do século XIX foram os relatos sobre a Flora do Peru de Ruiz e Pavón: 1798, que foram traduzidos para o francês; as *Descriptiones Plantarum* y las *Observationes Historiam Naturalem Spectantes* de Johann Reinhold Forster de 1772, produto da viagem de James Cook às terras austrais; El *Recuel d'Observationes astronomiques* de Alexander von Humboldt, publicado entre 1808 e 1811 e a *Relación histórica del viaje a la América Meridional* dos expedicionários Jorge Juan e Antonio de Ulloa, publicado em Madrid em 1748, entre outros tantos. A palavra “observação”, que aparece em muitos dos títulos desses livros, não é

De qualquer forma, reunir em um só livro a grande quantidade de observações, anotações, esquemas, eventos e demais assuntos que surgiam em viagens de exploração era uma questão complexa, mas um problema que não era novo. Os livros de observações científicas apresentavam em suas páginas o resultado do trabalho científico, sem que importasse, grande parte das vezes, a forma como tinham se dado as práticas de observação, sobretudo no que diz respeito aos experimentos e as atividades que repetiam vezes sem conta para fazer observações (tomar notas, ler, desenhar, recolher materiais, comparar informações). Além disso, os livros reuniam toda sorte de dados econômicos e administrativos, de acordo com a *Staatswissenschaft*, uma espécie de saber estatal cuja finalidade era compilar dados utilizados na aplicação dos mais diversos saberes.

Quando se estudam as publicações de Spix e Martius escritas antes da viagem ao Brasil no contexto das aulas ministradas na Academia de Ciências da Baviera ou no âmbito das discussões feitas em instituições, a exposição das práticas não aparece como um problema. Mas a questão era diferente quando os livros não eram pensados para um público exclusivamente científico, e ainda mais quando por detrás do projeto exploratório havia um interesse político, um financiamento considerável ou a figura de um poder que desejava ver sua imagem positiva representada nos resultados da *Forschungsreise*. Nesses casos se fazia necessário jogar com uma série de estratégias.

Primeiro, para a escrita do *Reisebericht*, era necessário planejar uma organização que reunisse certas variáveis. Através de uma estrutura textual particular, se concebia um relato ideal no qual todo o ocorrido devia ser apresentado de forma clara, metodologicamente desenvolvida, perfeitamente planejada e de modo que as práticas científicas realizadas em campo, na medida do possível, não demonstrassem fissuras. Caso contrário, não deveriam ser mostradas. Não era comum que se fizesse referência nos livros à toda a aparelhagem e aos arranjos implicados no trabalho com animais, sua captura, dissecação e processamento para classificação, ou seja, a tudo aquilo que era necessário para transformar um animal em uma espécie classificada. Em Nuremberg, no ano de 1811, por exemplo, Spix havia publicado o *Geschichte und Beurtheilung aller Systeme in der Zoologie*, livro que apresenta a sua visão da história dos sistemas zoológicos desde Aristóteles até o presente, no qual não é possível apreender as habilidades pelas quais obteve seu cargo de *Konservator*<sup>32</sup>, uma vez que o livro não deixava ver seu trabalho prático com os animais. A *Geschichte* era mais um livro de história da ciência zoológica – trabalho pelo qual Spix foi aceito como membro da Academia em 1813. O mesmo ocorria com as plantas e a forma como eram trabalhadas, uma vez que sua transformação em espécime, suas representações visuais e o trabalho das pessoas que interviam nesse processo não eram perceptíveis nesse tipo de livro.

O fato de esses textos serem elaborados em sua forma definitiva apenas após o término da expedição, dava aos viajantes a oportunidade de se

---

acidental: trata-se de um gênero textual que define o caráter da obra como científica, estabelecendo um critério de demarcação que diferencia uma observação científica de uma simples conjectura.

<sup>32</sup> Cf. SPIX, Johann Baptist von. *Geschichte und Beurtheilung aller Systeme in der Zoologie nach ihrer Entwicklungsfolge bis auf die gegenwärtige Zeit*. Nürnberg: Schragchen Buchhandlung, 1811. Este livro foi dedicado ao financiador Maximilian von Montgelas, ministro presidente da Baviera entre 1799 e 1817.

metamorfosar em escritores pacientes e calculistas, com tempo para otimizá-los e corrigi-los, para ocultar erros e falhas, enfim, para “reorganizar” o trabalho de campo feito durante as travessias da forma que desejassem. Assim sendo, os textos que discutimos representavam o produto de um processo, a apresentação social de um trabalho de investigação que devia dar origem a conhecimentos socialmente aceitos.

Além disso, as instruções previamente estabelecidas pelas academias cumpriam a função de dar coerência e desenvolvimento ao que havia sido planejado, funcionando como bússolas que orientavam tanto a condução do trabalho de campo, como a redação dos produtos. As instruções eram uma espécie de pré-livro, anterior à experiência de viagem, mas com um papel muito importante, uma vez que sempre estavam presentes nos momentos de tomada de decisões. Os viajantes sabiam o que tinham que fazer, de acordo com os objetivos que tinham sido determinados desde antes de deixar o porto de embarque.<sup>33</sup> No caso da viagem ao Brasil, os objetivos eram quase iguais àqueles que haviam sido estabelecidos por Maximilian I e pela comissão da Academia da Baviera em 1815: uma investigação sobre a natureza de um lugar, com foco nas disciplinas nas quais os viajantes eram especializados.

Foi elaborado um rascunho das instruções, escrito pelo bibliotecário Joseph Scherer<sup>34</sup> com a colaboração de Spix na parte referente à zoologia e de Franz de Paula von Schrank para a botânica. As instruções definiam como ponto de maior importância a coleta de minerais e espécies, as cartas geográficas, as informações sobre o clima e a geografia das plantas. Nesse caso, o conteúdo das instruções dependia também das possibilidades que as instituições fossem capazes de garantir em relação a interesses políticos, permissões de entrada e cálculos de tempo. Estes últimos sempre redundavam em situações de incerteza, pois não se possuíam conhecimentos precisos sobre as dimensões espaciais das regiões que se pretendia explorar e tampouco havia mapas disponíveis.

A primeira proposta, de 1815, estabelecia o objetivo de levar a cabo uma viagem longa, que incluísse diversas regiões da América – muito ao estilo de Humboldt –, mas a realização dessa tarefa logo se mostrou um ideal difícil de concretizar, por conta da dimensão territorial da América e da questão do financiamento. Consequentemente, se fazia necessário que as instruções estabelecessem objetivos dentro dos limites do possível. Uma vez no território visitado, a operacionalidade e os aspectos práticos do desenvolvimento em campo do que havia sido planejado eram prerrogativas do viajante, mas o

<sup>33</sup> “Dr. Spix, als Zoolog, verpflichtete sich, das gesammte Thierreich zum Gegenstande seiner Beobachtungen und Beschäftigungen zu machen. In dieser Beziehung hatte er Alles, was den Menschen, den Ureinwohner sowohl als den Eingewanderten, seine klimatischen Verschiedenheiten, seinen körperlichen und geistigen Zustand u.s.w. betrifft [...]. Dr. Martius, als Botaniker, übernahm die Bestimmung, die tropische Pflanzenwelt in ihrer ganzen Ausdehnung zu erforschen. Neben dem Studium der dort vorzugsweise einheimischen Familien lag ihm die Untersuchung derjenigen Formen besonders ob, welche durch ihre Verwandtschaft oder Identität mit denen anderer Länder Schlüsse über das ursprüngliche Vaterland und die allmähliche Verbreitung derselben auf der Erde gestatten”. SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Reise in Brasilien, op. cit.*, p. 5.

<sup>34</sup> Joseph Scherer trabalhava na academia desde 1800 como especialista em línguas orientais. Diz-se que tinha interesse que os viajantes estudassem as línguas indígenas, o que era um componente comum nos manuais de instruções.



objetivo final não podia escapar aos contornos delineados nas instruções.<sup>35</sup> Os textos de instruções serviam, além disso, como ajuda prática quando os viajantes tinham que começar a elaboração de seus relatos finais.<sup>36</sup>

Finalmente, havia textos que estavam diretamente ligados às práticas científicas relacionadas à botânica, à geografia, à zoologia ou à mineralogia – literatura científica – ou outros que eram feitos para “distrair a mente” – contos, novelas, literatura fantástica –, que podiam de alguma maneira impactar tanto o trabalho ativo do viajante, como suas atividades de ócio. Assim mesmo, era comum que esses diversos tipos de texto fossem transportados na viagem de acordo com as possibilidades. Spix e Martius levaram consigo o *Systema Naturae* de Lineu como texto científico mais relevante, embora não tenha sido possível levar para o Brasil grande parte da literatura científica necessária para o trabalho de campo. O próprio Martius havia pedido a von Schrank que lhe ajudasse a encontrar um volume da flora peruana de Ruiz e Pavón que tinha visto na biblioteca de Munique, assim como o diário de Humboldt e sua “Viagem à América”, os trabalhos dos franceses Aublet – sobre as plantas da Guiana –, os trabalhos de Jussieu e alguns pequenos manuscritos sobre botânica<sup>37</sup>, mas várias contingências não permitiram que ele levasse essas obras consigo para o Brasil.

Sabemos, ainda, que preocupações com o tipo de transporte fluvial – um barco comercial, um barco militar, um navio pequeno – se combinavam com os critérios propriamente científicos do naturalista na hora de decidir o que seria transportado na viagem. Podia acontecer de os membros da Academia terem dificuldade de conseguir os livros desejados pelos naturalistas ou que, em se tratando de uma viagem na qual os tripulantes eram vários naturalistas, fosse possível “compartilhar” materiais durante a expedição de uma maneira mais informal, no nível das conversas, em momentos de viagem, de ócio ou de preparação para um possível estudo da natureza nas escalas do trajeto.

A produção do *Reisebericht* de Spix e Martius foi possível, portanto, através da combinação de todos esses fatores: um elemento era o saber proporcionado pelo conhecimento dos textos pré-viagem (guias de viagem, literatura de viagem e produtos finais de viagens); outro é representado pelo trabalho de campo dos naturalistas e outro ainda pela orientação dada pelo texto de instruções. Assim, os primeiros capítulos do primeiro livro descreviam os motivos da viagem, sua preparação, o recrutamento e a descrição de cada um dos lugares que a tripulação teve a oportunidade de visitar. No dia seis de fevereiro de 1817, os dois bávaros viajaram de Munique à Viena para, depois do encontro, com os membros da expedição austríaca, se prepararem para seguir para Trieste no dia seis de março. A descrição dos acontecimentos que se sucederam em cada um dos pontos de parada (Viena, Trieste, Veneza, Idrija, Malta, Gibraltar) se apresenta como um reflexo das impressões dos viajantes

<sup>35</sup> Ver DIETZ, Bettina, *op. cit.*

<sup>36</sup> Ver STAGL, Justin. *Eine Geschichte der Neugier. Die Kunst des Reisens, 1500-1800*. Wien: Böhlau Verlag, 2002.

<sup>37</sup> Cf. BSBM, Martiusiana II, v. 1, 1817, carta de von Schrank a Carl Friedrich von Martius, 27 de março, reproduzida parcialmente em WESCHE, Markus, *op. cit.*

sobre as sociedades visitadas, que quase sempre se combina com alguma atividade do ofício de naturalista.<sup>38</sup>

O esquema de descrição da cultura e do território através de uma prosa livre foi uma herança dos livros de viagem. Esse modelo se repetiu ao longo dos volumes da obra de maneira surpreendente. Havia um espaço para descrever a sociedade que se visitava<sup>39</sup>, e outro para expor os trabalhos científicos. A respeito deste último aspecto, Spix e Martius estavam determinados culturalmente pelo ideal da precisão e da exatidão, expresso na utilização de tabelas e esquemas, em linha com os critérios da observação científica.<sup>40</sup> Essa divisão na descrição era um ato deliberado que procurava separar as observações gerais daquelas que dependiam, para sua realização, de uma série de procedimentos especiais, geralmente baseados em conjecturas e ideias que deviam ser testadas por meio de procedimentos para os quais os naturalistas deveriam estar treinados, que possibilitavam que esses exercícios fossem realizados em lugares diferentes com precisão.<sup>41</sup> Conforme o leitor do *Reisebericht* avançava na leitura dos capítulos referentes à chegada dos viajantes ao Brasil, aumentava a quantidade tanto das observações gerais como das observações com atenção científica. Não obstante, por seu caráter mesmo de livro informativo e não exclusivamente científico, o *Reisebericht* devia incluir os dois tipos de observações em conjunto, como parte de um discurso geral.

Isso se deu dessa maneira por uma questão lógica: o observador/viajante adentrou uma cultura diferente, onde uma quantidade indeterminada de impressões invadia sua vivência diária, e, além disso, sofreu a influência de uma série de vivências (como por exemplo uma enfermidade) que podiam afetá-lo durante o desenvolvimento normal de seu trabalho. As observações aumentavam, e junto com elas a quantidade de contingências. Muitas delas inclusive nada tinham que ver com a presença física de Spix e Martius nas florestas tropicais, ou em ambientes naturais com altas temperaturas, mas com o planejamento feito na Europa sobre o que seria necessário para a viagem. Sabemos, por exemplo, que faltaram aos viajantes os instrumentos necessários para conduzir suas medições, instrumentos esses que os exploradores austríacos possuíam. Tampouco tinham a sua disposição um ilustrador, em parte porque a solicitação desse funcionário não foi feita com o rigor ne-

<sup>38</sup> Cf. SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von, *op. cit.*, p. 5-12. Ao final do segundo capítulo do *Reisebericht* se destacam algumas observações feitas na ilha de Malta, parada obrigatória no trajeto. Ao fim de cada capítulo se encontra um pequeno resumo de caráter científico (*Ammerkungen*) a respeito da natureza dos lugares visitados, em que se utilizam os nomes científicos das espécies estudadas: "Man besitzt noch keine Fauna und Flora der Insel Malta; als Beitrag dazu nennen wir der von uns beobachteten Thiere und Pflanzen. Amphibia: *Testudo* Mydas. *Coluber* indetermin. Pisces: *Raja* clavata. *Squalus* Canicula [...] Mollusca: *Sepia* Loligo, octopus. *Anomia* Cepa. Insecta: *Ateuchus* sacer, *Pimelia* bipunctata [...] Von den aufgezählten hundertundfünfzig Arten der Malteser Flora sind Deutschland sechshundfünfzig, dem südlichen Theile von Europa neunzig, der Nordküste von Afrika vier eigen". Zweites Kapitel. Abreise von Triest- Fahrt durch das mittelländische Meer bis Gibraltar. *Idem, ibidem*, p. 36 e 37. As observações feitas ao longo do capítulo são respaldadas pelas citações correspondentes.

<sup>39</sup> Sobre esse aspecto, ver LISBOA, Karen Macknow, *op. cit.*, e COSTA, Maria de Fátima e DIENER, Pablo, *op. cit.*

<sup>40</sup> Cf. DASTON, Lorraine. Observation & enlightenment. In: HOLENSTEIN, André; STEINIKKE, Hubert; STUBER, Martins (orgs.). *Scholars in action: the practice of knowledge and the figure of the savant in the 18th Century*. Boston-Leiden: Brill, v. 2, 2013.

<sup>41</sup> *Idem*.

cessário junto à administração da Academia<sup>42</sup>, e, além disso porque era muito difícil que um jovem desenhista se dispusesse a viajar para o Brasil após a partida do corpo da expedição. As contingências que poderiam afetar diretamente o desenvolvimento das pesquisas eram remediadas através do recurso e ajudas que os viajantes iam encontrando ao longo da viagem. Uma boa maneira de acessar esses elementos, muitas vezes ocultos nos relatos, se oferece por meio da leitura dos textos, diários e cartas dos viajantes, quase sempre escritos no âmbito privado. A questão do ilustrador foi primordial, pois a tarefa de produzir representações pictóricas de plantas e animais exigia o auxílio de um profissional.

Talvez essa circunstância particular tenha sido responsável pela publicação tardia do Atlas, o último documento a ser publicado, trabalho em que Johann von Spix nem sequer participou, uma vez que veio a morrer em 1826. As litografias, cartas geográficas, retratos, tipos de plantas, desenhos de indígenas e paisagens naturais foram reunidos em um só volume no qual, tudo indica, se trabalhou paralelamente aos outros três, em uma espécie de retroalimentação, tanto no Brasil como na Baviera. As descrições da natureza e particularmente as numerosas opiniões a respeito dos povos indígenas, sobre sua cultura, música rituais e características sociais, ocupam considerável espaço no segundo e terceiro volumes do relato, mas não estão acompanhadas de imagens que gerem uma sensação visual no leitor conforme este lê o texto. O mesmo ocorre com as descrições dos animais e plantas, embora se saiba que Spix e Martius planejavam elaborar livros independentes, nos quais se concentrariam em suas respectivas especialidades.

Nesse ponto se torna necessário discutir a existência de um trabalho coletivo que ultrapassou as capacidades dos dois viajantes. É sabido que Spix e Martius retornaram à Europa em 1823 com algumas das litografias e produtos visuais já feitos. Nesse sentido, a participação do aquarelista Thomas Ender, ilustrador da expedição austríaca, foi fundamental para a ilustração da natureza brasileira durante os primeiros meses da expedição, criando assim uma imagem de época que representava a onda de viagens de exploração de europeus no Brasil. Ender e Johann Moritz Rugendas<sup>43</sup> são ainda hoje considerados como “os aquarelistas do Brasil”, mas assim mesmo nenhum dos trabalhos feitos por eles entrou no circuito do *Reisebericht* como suporte explicativo visual vinculado às impressões sobre a sociedade apresentadas no texto, apesar da proximidade entre Martius e Ender e da popularidade de Rugendas.

Significativamente, as imagens do Atlas não dão crédito a nenhum autor, assim como tampouco o fazem algumas outras (mapas, cartas geográficas) que se encontram ao longo dos volumes. Como foi dito, é possível que tenha havido uma decisão deliberada de separar estruturalmente o conteúdo textual das imagens que representariam esse conteúdo, tendo em vista a ausência, em meio ao grupo, de ilustradores capazes de produzir as imagens de forma paralela ao trabalho dos viajantes, embora se saiba que nem sempre era possível trabalhar dessa forma quando se faziam observações “de campo” – mais pro-

<sup>42</sup> Cf. SPIX, Johann Baptist von e MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von, *op. cit.*, p. 37 e 40, e DIENER, PABLO. Instruction für den Maler welcher nach Brasilien gehen soll. *Anuário Martius-Staden, op. cit.*

<sup>43</sup> Rugendas foi o ilustrador da expedição de Georg Heinrich von Langsdorff de 1821, junto a Hércules Florence e Adrien Taunay.

vável é que as imagens impressas no *Reisebericht* sejam fruto de um trabalho coletivo realizado pelos naturalistas em cooperação com ilustradores especialistas, que trabalhavam para as editoras bávaras que imprimiram o texto, e cujo trabalho seria pago pelos próprios viajantes, assim como a totalidade da impressão da obra.

Um impulso importante era o que Spix chamou de “wetteinferndes Streben”, a competição entre as diferentes expedições que já haviam chegado, ou cuja chegada era aguardada.<sup>44</sup> Para melhor se prepararem para a viagem ao interior, visitaram “die dortigen Institute, die Bibliothek, das zur Zeit noch unbedeutende Naturalien-Cabinet, den sogenannten Botanischen Garten u.s.w.”. Ali se encontraram com um grupo de intelectuais e comerciantes.<sup>45</sup> Uma parte importante desse trabalho coletivo entre os cientistas viajantes pode ter ocorrido na famosa fazenda Mandioca, de propriedade do médico e naturalista Georg Heinrich von Langsdorff, ao norte do Rio de Janeiro, onde Spix e Martius passaram algum tempo em 1817. A fazenda, comprada pelo russo-alemão em 1816, se convertera rapidamente em um lugar conhecido entre os viajantes estrangeiros que visitavam o Brasil, e funcionava também como laboratório e herbário. É muito provável que ali tenham sido realizados certos trabalhos que envolviam atividades de laboratório ou de preparação de animais, uma vez que Langsdorff, imigrado em 1813, possuía uma biblioteca com diversos volumes dedicados à História Natural, que foram utilizados por viajantes que tinham interesse na área e que necessitavam de material para trabalhar. É possível também que ali, como em alguns outros lugares de confiança para os viajantes, tenha sido possível armazenar adequadamente os espécimes e materiais que foram sendo coletados como parte da missão.<sup>46</sup>

### A socialização do *Reisebericht*

Um produto final alcança o status de livro científico por meio das atividades que constituem a sua elaboração após o regresso da expedição, e mediante a aceitação social dele, de acordo com parâmetros estabelecidos pelo contexto intelectual da época. Entre 1820 – data do retorno de Spix e Martius à Baviera – e 1823, data da publicação do primeiro volume de *Reise in Brasilien*, os dois naturalistas dedicaram grande parte de seu tempo à elaboração do *Reisebericht*. Enquanto isso, o processo de socialização dos acontecimentos da viagem já se tinha iniciado. Vários dos relatos escritos no Brasil e alguns fragmentos de cartas que davam conta do que se passava na viagem foram publicados entre 1818 e 1820 no *EOS: Eine Zeitschrift aus Baiern*, periódico organizado em Munique por Franz von Elsholtz. Já no primeiro volume de *EOS*, em 1818, a viagem ao Brasil foi apresentada como notícia principal, buscando atrair a atenção do público leitor. No corpo da publicação havia uma explica-

<sup>44</sup> Cf. SPIX, Johann Baptist von. *Brasilien in seiner Entwicklung seit der Entdeckung bis auf unsere Zeit*, op. cit., p. 34.

<sup>45</sup> *Idem*.

<sup>46</sup> Cf. COSTA DE FÁTIMA, Maria e DIENER, Pablo, op. cit.



ção sobre os motivos da expedição e um relato sobre os acontecimentos na América do Sul.<sup>47</sup>

O público leitor da Baviera estava, portanto, informado a respeito da viagem, simultaneamente ao seu desenvolvimento no Brasil. Esse público leitor, inclusive, não se restringia a habitantes do estado da Baviera, posto que se sabe que a publicação teve ampla circulação em toda a Confederação, especialmente em cidades como Ratisbona e Nuremberg. O público receptor das notícias da viagem se compunha de leitores que tinham interesse em temas gerais relacionados à cultura da região, comerciantes e membros de círculos sociais interessados em viagens ao exterior, além de um círculo de homens e mulheres que compartilhavam interesses científicos e que estavam em contato com o público mais especializado (membros da Academia ou das universidades), de modo que a publicação desses pequenos relatos teve continuidade durante os anos de publicação do *EOS*.

Lendo os números da publicação em sequência, era possível acompanhar o desenrolar da viagem e os eventos relacionados a ela, conhecendo o Brasil e sua sociedade através dos relatos. O público interessado se familiarizou dessa maneira com personagens de sua própria sociedade, assim como de outros lugares. Essa primeira forma de socialização da viagem permitiu conectar globalmente o que acontecia nos dois locais, pois a publicação tinha interesse em divulgar de forma atualizada tudo o que se passava na expedição. Esse interesse foi alimentado não somente através dos relatos escritos pelos protagonistas, mas também por meio da publicação de cartas de conteúdo variado, enviadas do Brasil por Spix e Martius. As cartas eram dirigidas a diferentes personalidades na Baviera, que atuavam como gestores ou cientistas ligados de alguma maneira à viagem no Brasil, e os relatos se dirigiam ao rei Maximiliano. Era recorrente a norma de combinar elementos científicos e políticos na formulação da publicação, o que nos leva a crer que muitos dos conteúdos publicados no *EOS* também serviram de base para a elaboração do *Reisebericht*.

Essas atividades de socialização das informações tinham dois objetivos, que já nessa época eram aspectos constitutivos do processo de produção de conhecimento. Por um lado, ao relatar as peripécias da viagem se informava à sociedade sobre as dimensões da missão. Por outro, se enfatizava o compromisso dos naturalistas com uma causa que transcendia os interesses restritos da comunidade acadêmica, sendo a expedição considerada como um evento de interesse social. A viagem interessaria a todos os leitores, e seria uma leitura de interesse comum.<sup>48</sup> Assim sendo, devia ser apresentada como notícia. Dessa maneira, o público científico (e os demais leitores) era informado em primeira mão sobre que os naturalistas faziam no Brasil e podia, se fosse o

<sup>47</sup> Ver Die Sendung der Baierischen Akademiker Dr. Spix und Dr. Martius nach Brasilien in den Jahre 1817. *Eos: Eine Zeitschrift aus Baiern, zur Erheiterung und Belehrung*, n. 1, München, 1818, p. 2 e 3. Com o passar dos anos vão sendo publicados novos relatos, sempre dirigidos ao rei, na mesma seção: Die Sendung der Baierischen Akademiker Dr. Spix und Dr. Martius nach Brasilien in den Jahre 1817. O informe 2, no n. 11, 1818; o 3, no n.13, 1818; o 4, no n. 23, 1818; o 5, nos n. 83, 84 e 86, 1818; o 6, no n. 9, 1819, o 7, nos n. 50, 51 e 52, 1819; o 8. nos n. 92, 93 e 94, 1819, e o 9, no n. 95, 1819. O último relato, o mais extenso de todos, foi publicado entre os n. 1 e 9, em 1821.

<sup>48</sup> Ver CHARTIER, Roger. *The cultural origins of the French Revolution*. Durham-London: Duke University Press, 1991.



caso, trocar informações com os protagonistas, enviar coisas a eles através de cartas, ou esperar o seu retorno para trabalhar em problemas científicos ou simplesmente aprender sobre os feitos da expedição.

Entre agosto e setembro de 1817, por exemplo, Martius enviou, da Bahia, uma carta a von Schrank em que expunha uma descrição bastante completa de tudo que lhe havia sido pedido, e fazia referência às espécies naturais que chamaram sua atenção.<sup>49</sup> Com efeito, Martius se correspondeu com von Schrank ao menos outras duas vezes, em cartas que apareceram publicadas na *EOS* conforme foram chegando do Brasil. A socialização das cartas junto aos naturalistas (e talvez a um público mais abrangente) chama atenção, pois a maioria destas incluía conteúdos que não correspondiam com o caráter de publicações formais, mas que, ao ser publicados, revelavam assuntos relacionados às pesquisas que haviam sido encomendadas. Ou seja, as cartas também podiam cumprir o papel de “relatos científicos” dignos de ser publicados em um periódico, contanto que se restringissem a temas passíveis de serem discutidos de forma aberta.

Conforme o fluxo de informação viajava entre o Brasil e a Baviera, iam se constituindo progressivamente os elementos de um conhecimento “novo”, isto é, desconhecido até então pela comunidade científica europeia, sobre a natureza brasileira. Esse conhecimento novo se produzia graças ao intercâmbio e à otimização dessas informações que ocorria nos dois pontos geográficos e, ao mesmo tempo, lançava as bases tanto para a produção do livro, como para a sua socialização adequada. A estruturação dessa rede permitiu que os viajantes soubessem que seu trabalho estava sendo “revisado” e “aprovado” pela comunidade científica – estabelecida na Academia de Ciências da Baviera – e, além disso, que sua viagem fosse conhecida em outros círculos científicos e em meio à sociedade interessada, o que acabou por lhes conferir prestígio e distinção. A série de relatos que Spix e Martius enviaram diretamente ao rei era cuidadosamente elaborada e fazia parte dos textos de estudo que a Academia utilizaria como base para suas discussões internas a respeito da viagem ao Brasil.

Ao retornarem, Spix e Martius trabalharam na elaboração do texto base de sua viagem. Os primeiros ecos do evento foram socializados através das aulas de matemática e física desenvolvidas no âmbito da Academia de Ciências da Baviera desde 1823, onde o conhecimento sobre as intenções da viagem era já bastante disseminado. A forma de construir o texto e ao mesmo tempo difundi-lo se baseava no trabalho coletivo realizado sobre os resultados obtidos, que tinha lugar basicamente nas sessões da Academia. Isso foi complementado por comunicações diárias entre os que se encontravam presentes na localidade, além da troca de cartas com especialistas. Essa dinâmica fez com que o trabalho inicial realizado durante as atividades de observação no Brasil fosse se modificando ao longo do tempo. Periódicos interessados nas temáticas eventualmente pediam aos naturalistas permissões e contribuições, ou selecionavam, elas mesmas, trechos de textos publicados previamente – o que era um hábito comum na socialização do trabalho científico fora da órbita

---

<sup>49</sup> Ver Brief von Martius an von Schrank, aus Bahia, 13 ago.1817, e set. 1817. *Eos: Eine Zeitschrift aus Baiern, zur Erheiterung und Belehrung*, n. 16, München, 1818, p. 63 e 64, e n. 17, p. 66 e 68.

dos seus locais de produção. Nesse caso, a difusão do primeiro volume e a socialização dos resultados em diferentes publicações andavam de mãos dadas. Ao mesmo tempo que Spix e Martius trabalhavam em seu relato, iam desenvolvendo seus projetos científicos particulares, cuja base material era constituída pelo material investigado e coletado no Brasil.

Em 1829, por exemplo, o texto publicado por Spix e Martius em colaboração com o naturalista suíço Louis Agassiz, que se concentrava nas espécies de peixes do Brasil, teve uma repercussão mais rápida na Europa do que o próprio *Reise in Brasilien*.<sup>50</sup> Spix, que tinha mais conhecimentos do que Martius quando o assunto eram animais, retornara da viagem com problemas de saúde, dos quais nunca se recuperou. Não houve tempo de trabalhar sobre os peixes, já que Spix morreria em 1826, e a Martius faltava a *expertise* necessária. Martius pensou logo em contatar o maior especialista no assunto: Georges Cuvier. O naturalista francês era a personalidade máxima da zoologia, e vinha preparando já há algum tempo a obra que ocupou os derradeiros anos de sua vida: a *Histoire naturelle des poissons*. Era comum que para esse tipo de obra de escopo abrangente, naturalistas de diversas partes da Europa enviassem aos seus colegas descrições de espécies novas, ou mesmo fósseis previamente classificados, de modo a otimizar a informação que detinham. Martius e Cuvier vinham se comunicando de forma mais ou menos frequente desde o retorno do bávaro à Europa, e o francês tinha tido a oportunidade de conhecer o primeiro volume da viagem, para seu projeto<sup>51</sup>, além de ter se comprometido a solicitar materiais “novos” das diferentes academias científicas europeias.<sup>52</sup> Foi ele quem recomendou Agassiz para a tarefa de completar o trabalho de Spix, por considerá-lo um especialista em peixes.

A solicitação de Cuvier chegou até Martius, que decidiu lhe enviar os espécimes de peixes que haviam sido organizadas por Spix, pois sabia da importância e ineditismo do material. Quase nenhum naturalista da época havia visitado o Brasil, e na França foi possível conhecer a dimensão das coletas graças às primeiras publicações sobre a viagem ao Brasil, e à proximidade entre os naturalistas. A tarefa rendeu frutos quando, em 1829, foi publicado na Baviera o *Selecta Genera et Species Piscium Brasiliensium*, dedicado ao rei Maximiliano I. O livro, de grande extensão, foi publicado em latim e incluía Cuvier de forma direta nos créditos. Tratou-se de uma obra que foi possível graças à socialização da viagem e à leitura do *Reisebericht*.

Ademais, a leitura do *Reisebericht*, ao menos após a publicação dos dois primeiros volumes, experimentou uma difusão não somente no âmbito dos círculos científicos mais restritos, mas também nos espaços da opinião pública,

<sup>50</sup> Ver SPIX, Johann Baptist von. *Selecta genera et species piscium Brasiliensium*. Monachii [München]: Typis C. Wolf, 1829-31.

<sup>51</sup> Cf. COLEMAN, William. A note on the early relationship between Georges Cuvier and Louis Agassiz. *Journal of the History of Medicine and Allied Sciences*, v. 18, n. 1, Oxford, 1963.

<sup>52</sup> Sobre o trabalho do *Reisebericht* em relação ao seu próprio trabalho, Cuvier anotou: “Die Herren v. Spix und v. Martius haben ebenfalls in Brasilien in Höhlen Knochen vom Megalonyx gefunden, welche von Döllinger und Wagner näher bestimmt worden sind\*). Nach v. Martius Beschreibung\*\*) trafen die Reisenden bei dem kleinen Dorfe Formigas mehrere Höhlen, in welchen sich Salpeter findet, der als Handelsartikel von da verführt wird. Diese Höhlen sind in der Umgegend berühmt, als Behälter ungeheurer Knochenreste unbekannter Thiere”. Os asteriscos correspondem à citação do CUVIER, Georges. *Die Umwälzungen der Erdrinde in naturwissenschaftlicher und geschichtlicher Beziehung*: Monografien Geowissenschaften Gemischt. Bonn: Eduard Weber, 1830, p. 594.

onde o que mais chamou atenção foi o trabalho relativo à botânica e às plantas. A difusão do texto e do trabalho botânico em geral se deu no campo das revistas “literárias”, que discutiam temas variados considerados de interesse – como vimos no caso do *EOS*. No que diz respeito à dimensão histórica da viagem em si, além dos animais e das plantas, revistas como os *Bayerische Annalen* difundiram o trabalho de Spix e Martius sobre as espécies de animais coletadas, baseando suas explicações no próprio *Reisebericht* e na publicação de excertos de livros e de publicações recentes. Era comum que se utilizassem excertos de trechos do próprio livro de forma a resumir aspectos pontuais sobre a natureza do Brasil, sobre as descrições das espécies feitas por Spix e Martius, ou ainda sobre a categoria de viagem fantástica que envolvia a expedição.<sup>53</sup>

Assim, por exemplo, a revista *Flora oder Allgemeine Botanische Zeitung*, de Ratisbona, se dedicou desde o princípio, em 1830, a destacar o trabalho botânico de Martius. Essa publicação, ainda que fosse especializada – era um órgão oficial da sociedade de naturalistas de Ratisbona – foi em parte responsável por conectar as atividades do naturalista ao mundo cultural germânico relacionado à botânica. As sociedades de naturalistas da Baviera tinham, necessariamente, que revisar as novidades de sua disciplina, o que faziam, entre outras coisas, por meio da leitura dessa publicação, que também teve um papel fundamental na difusão do projeto da *Flora Brasiliensis* de Martius a partir da década de trinta do século XIX.

Em síntese, podemos dizer que o *Reisebericht* deve ser compreendido com um produto final dotado de uma história de produção que dependeu da formação científica dos escritores, da preparação adquirida através de sua própria experiência, do apoio institucional e de um “modo de fazer” que provinha dos exemplos de livros que serviam de referência para a estruturação de uma obra dessa natureza. É importante frisar que, nesse caso, as atividades de sociabilidade que envolviam os periódicos dedicados aos avanços da ciência e relatos de viagem, juntamente com a existência de um público leitor, fundamentavam e ajudavam a otimizar a obra. A circulação de ideias entre Brasil e Baviera se deu não somente em termos do trabalho que os naturalistas realizaram durante a viagem, mas também por meio da participação de atores localizados no Brasil, sem os quais Spix e Martius não teriam podido desenvolver adequadamente os propósitos de sua viagem. O *Reisebericht*, assim, contribuiu para estimular o público interessado nos resultados da expedição de campo.

*Artigo recebido em 25 de junho de 2021. Aprovado em 14 de agosto de 2021.*

---

<sup>53</sup> Ver *Bayerische Annalen*, n. 44, München, 12 abr. 1834, p. 345 e 346.